

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

O PROFESSOR FRENTE AO ESPELHO: APONTAMENTOS SOBRE A IDENTIDADE PROFISSIONAL

Andréia Cristina Rodrigues da Silva Gyorfi (CEUCLAR)¹
Reginaldo de Oliveira Pereira (UNESP/CEUCLAR)²

Resumo

O professor é peça decisiva na estrutura educacional. Quem ele é e quem a sociedade espera que ele seja, como profissional, é um dos indicativos de sucesso ou fracasso na formação dos alunos. Tanto o educador, como o processo didático têm necessidades e condições específicas para serem bem-sucedidos. A aquisição e a mediação do conhecimento pelo professor envolvem dificuldades, em razão das constantes reformas e alterações educacionais, pautadas nas mutáveis demandas sociais de estruturas e métodos de ensino. Assim, formar e manter um bom perfil profissional se torna um árduo trabalho cotidiano, que colocado na relação custo-benefício, não tem demonstrado resultados tão atrativos.

Palavras-chave: Professor. Identidade Profissional. Conteúdo Didático. Conhecimento Científico. Metodologia de Ensino.

Abstract

The teacher is a decisive factor in the educational structure. Who he is and who society expects him to be, as a professional, is one of the indications of success or failure in the training of students. Both the educator and the didactic process have specific needs and conditions to be successful. The acquisition and mediation of knowledge by the teacher involves difficulties, due to constant reforms and educational changes, based on the changing social demands of teaching structures and methods. Thus, to form and maintain a good professional profile becomes an arduous daily work, which placed in the cost-benefit relation, has not shown such attractive results.

Keywords: Teacher. Professional Identity. Didactic Content. Scientific knowledge. Teaching Methodology.

¹ Licenciada em História pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR).

² Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Licenciado e Bacharel em História pela mesma instituição. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Professor de Ensino Fundamental II e Médio na Secretaria Municipal de Educação do Município de São Paulo. Docente do Centro Universitário Claretiano.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Introdução

A preocupação epistemológica, ou seja, com a “teoria do conhecimento” surgiu e acompanha as ações dos homens, no tempo. Assim, ao transmitir conhecimentos, aprimorou-se o modo de viver humano; mas, os seres humanos geraram sucessivas mudanças, formando estruturas, superestruturas dinâmicas e transformando o grupo em vários subgrupos, as classes sociais, hora tendo que conviver com construções e rupturas, hora com avanços e retrocessos, num círculo onde tudo se repete, ou linearmente. Ao lado do conhecimento e como veículo para sua transmissão, surge a educação (SAVIANI, 2008; COSTA; MELO; FABIANO, 2010; CORTELLA, 2011).

A educação passa a fazer uso do conhecimento científico, da história cultural e das mentalidades, distribuídas numa diversidade de dados e informações (vestígios materiais e imateriais), que recentemente agregou às fontes os acervos culturais, remontando ao conhecimento acumulado, ou parte do que se interpretou dele (CARVALHO, 1987; COSTA; CASCINO; SAVIANI, 2000; PINSKY, 2011).

Para o estudo e construção do conhecimento histórico, convencionou-se fazer “recortes”, ou seja, delimitar, buscar particularidades, objetivos e condições para compreensão do objeto. Sem os recortes, deveriam ser considerados todos e os mais variados registros que apresentem condições de compreender a história. A divulgação de dados e a construção do conhecimento também ocorrem de maneira hierárquica, envolvendo raciocínio e enfoque do que deveria ser transportado para bases escolares.

O objetivo e o conteúdo determinaram qual a melhor fonte. Não que várias não possam abordar um mesmo objeto, mas atuam de maneira complementar a eles.

Impõe-se, pois, a necessidade de formulação e implementação de uma política de fontes [...] Essa política deverá contemplar os critérios, tanto para a definição do que preservar, como do que descartar, estabelecendo metas e meios que permitirão assegurar a disponibilidade das fontes [...] Assim, não apenas cada um de nós se empenharia individualmente nessa direção, mas toda a sociedade seria mobilizada. (SAVIANI, 2006, p. 34)

A aquisição dos conteúdos é gradual e a seleção é complexa, pois os determinantes são variáveis (ideologias educacionais vigentes), como esferas de atuação (particular ou pública), que vão montando as estruturas educacionais que viabilizarão

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

que os conteúdos cheguem aos alunos. O docente terá de lidar, em meio aos conteúdos, com o acervo historiográfico, considerando que fontes são as origens, base de grande importância para o desenvolvimento individual e coletivo. Para isso, deverá ter uma postura consciente e estruturada de como usá-las. O aluno terá noção do valor da fonte, se o educador souber introduzi-las de maneira contextualiza.

Em contrapartida, é uma árdua tarefa encontrar um educador tão bem-preparado para assumir a sala de aula (com todas as suas incumbências), com o perfil necessário. Homens e mulheres que nem sempre têm a docência como primeira opção, são os que, muitas vezes, desempenham o papel de educador. A desistência prematura dos que escolheram a docência ocorre por motivos que se iniciam na formação profissional: uns desistem no primeiro contato com o processo (estágio obrigatório), outros nas dificuldades de apropriação de conhecimentos e metodologias pedagógicas. Por fim, há os que vivenciam o histórico opressor, de desvalorização da educação, num ideário de vida profissional marginal (recursos que não dão plena condição à vida digna, pelo trabalho), sobrevivendo de um ofício que não gera recompensa satisfatória pessoal e/ou financeira para uma maioria.

1 Metodologia, didática e pedagogia

A educação realiza-se na sociedade pela própria sociedade e para seu benefício. Eleva o homem de indivíduo biológico, para um ser com consciência biopsicológica (personalidade adquirida pela cultura e convivência social). As reflexões e pesquisas que efetivam o ato de educar vivem na tentativa de desvincular-se do ideal, de que o processo deveria ter uma natureza em que os fins e os meios precedessem e fundamentassem os atos educacionais (CARVALHO, 1987).

Na questão das teorias metodológica, a análise de “longa duração” mostra-se bastante eficaz. A busca, neste caso, também pode ser periodizada em “tempos curtos”; a seleção da síntese dependeria de quais eventos, processos e oscilações da estrutura e da dinâmica social serão consideradas, serão validadas (CARVALHO, 1987; CORTELLA, 2011; PINSKY, 2011).

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

O processo educacional, em primeiro momento, demonstra a preocupação com o conhecimento, sem considerar a importância de um preparo, que é algo bem mais recente. Os novos métodos transformaram a didática, assim como há uma busca para expor o conhecimento, de maneira que facilite o entendimento didático e, como ressalta Cortella (2011), sempre com um uso crítico de qualquer conteúdo.

A partir do momento que o conhecimento evolui, começou a ganhar uma estrutura, primeiramente básica, em divisões por disciplinas que deveriam interligar-se, formando outra estrutura ainda mais complexa. As disciplinas ganham autonomia e independência. Só que maior se tornou a distância entre a realidade do aluno e o conhecimento científico que o educador deveria abordar, sendo ainda mais trabalhoso o processo de seleção, organização e o ato de dosar quais elementos deveriam compor o conteúdo, os conceitos pedagógicos a serem utilizados para responder às necessidades educacionais daquele momento (CARVALHO, 1987).

A sociedade tem demonstrado forte tendência a uma educação voltada para o imediatismo, coexistindo múltiplos saberes, diferentes, convergentes, mas de maneira que dificultam uma história unificada (COSTA; CASCINO; SAVIANI, 2000). Assim, faz-se necessário que o passado contribuía com o presente, inspirando um futuro que valorize e reflita suas origens. Nesse contexto, a educação e o material didático tornaram-se hoje como mercadorias, sobrevivendo com autonomia relativa (CORTELLA, 2011). Como seguem tendências, dão pouca margem de escolha.

A formação e a atuação do professor sofrem ação direta dos direcionamentos sociais. A política educacional, que convive com os reflexos socioeconômicos, passa ciclicamente por crises, convivendo com injustiças sociais. Uma minoria elabora, gera e gerência um projeto educacional de dominação, aplicada a uma massa excluída (CORTELLA, 2011).

Também a abordagem tradicional, com ênfase na memorização, reduziu-se bastante para que houvesse oportunidade reflexiva (CARVALHO, 1987), mas gera uma necessidade maior de pesquisa, de busca por informações, para que o educador prossiga em metas e resultados. Tem-se reforçado a postura de cobrança na atuação voltada para interdisciplinaridade, mas o conhecimento prévio se torna barreira para muitos

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

profissionais (PINSKY, 2011). A finalidade em formar um professor é *educar*. Mas o que é um indivíduo educado? É alguém que adquiriu conhecimento? Conhecimento para quê? Qual é válido? E para qual sociedade?

Conhecimento é resultado de compreensão de conceitos intelectivos, envolvidos em complexas operações mentais, tais como: análise, síntese, indução, comparação, avaliação, classificação, hierarquização, associação, generalização. Para isso, o educador tem que ter os aspectos tradicionais como alicerces, incorporando os aspectos revolucionários. Só cabe a ele o desfecho do processo educacional, no uso de técnicas e métodos, para entregar à sociedade o educando *educado* (CARVALHO, 1987).

Bittencourt (2011) ressalta que visões críticas já enfatizaram que só a renovação dos métodos de ensino atingiria o maior número de alunos, com eficácia no aprendizado. Essas visões, no entanto, não conceberam, concretamente, que seria necessário fugir do *malfadado* (para muitos docentes) método tradicional, inovando nas técnicas educacionais, em vez de métodos de ensino inovadores. O método tradicional, para professores e alunos, traz a ideia de material pedagógico, aulas expositivas (lousa, giz e livro didático) e aprendizagem passiva.

Nem tudo, no método tradicional, pode e deve ser criticado, pois, muitas vezes, o que nos parece novo, já foi experimentado em épocas passadas. O diferencial é a tecnologia disponível; esta se agrega bem aos métodos tradicionais, renovando o instrumento, mantendo o que consolida o saber. O uso tem sido do método dedutivo/indutivo; quanto ao espaço, do mais próximo ao mais distante e quanto ao tempo, do mais distante ao mais próximo (BITTENCOURT, 2011).

O método dialético, muito bem trabalhado por filósofos como Friedrich Hegel (1770-1831) e Karl Marx (1818-1883), tem inspirado muitos educadores, como é o caso de Paulo Freire (2011) que destaca o método dialético pedagógico e define o processo pedagógico pelo dialogismo. Segundo ele, a comunicação social – aquisição social do conhecimento – vai além da arguição e aula expositiva. Reforça a necessidade de inserir e trabalhar os elementos e objetos do cotidiano local, para que a estrutura educacional, faça sentido e seja eficaz em quebrar as barreiras socioculturais.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

Para ensinar história, um outro aliado, relativamente novo, vem da psicologia social. É uma modalidade completa para uso do conhecimento, designando o produto, o processo, os conteúdos e seus mecanismos de constituição e funcionamento. Tudo ao mesmo tempo. Esta é a representação social, muito usada pelos professores e pedagogos. Segundo o psicólogo Serge Moscovici (1984), é um corpo organizado em que os homens estabelecem uma realidade cotidiana física e social de trocas e comunicação.

Completa Bittencourt (2011), em seu entendimento, que na complexa e rica relação dos elementos (objetos), na representação social: a necessidade de conhecimentos prévios. Determinar quais elementos podem compor estes conhecimentos é uma tarefa elaborada de maneira pouco nítida, pelos pesquisadores, professores e pedagogos. “Senso comum”, “opinião” e “conhecimento espontâneo”, são alguns exemplos.

Uma concepção de método de ensino articulada à relação entre conhecimento prévio, conhecimento científico e conhecimento escolar [...] assume maior significação, ao englobar uma visão crítica (e não punitiva), tanto do trabalho do aluno, quanto do próprio docente. (BITTENCOURT, 2011, p. 242)

O que faz a diferença é não ser neutro nos processos educacionais. Revalorizar o poder, contar da luta que o envolve, visto que educar não é só vocação (sacerdotal), como já se esperou do professor. É uma atividade profissional que exige preparo, para não haver mal-uso do material didático, culpando o sistema precário, fazendo uso indiscriminado de provas, como punição/correção (CORTELLA, 2011).

O dilema da educação está no ponto em que tenta a dissociação do que é primordial ao docente: forma e conteúdo (SAVIANI, 2008). Já na sua formação, os professores têm dificuldade de introduzir os estudos das fontes históricas, como conteúdo. Pois havendo a oportunidade, o uso deste recurso dará à educação um movimento social mais abrangente, ensinando uma maneira mais isenta e distanciada do imediatismo, que tem a ação educacional atual (COSTA; MELO; FABIANO, 2010).

Uma dificuldade é a de que, no abordar as fontes históricas, cada tipo necessita de um método específico. Assim, ao utilizá-las, o educador deve acompanhar o olhar diferenciado a cada uma, dentro do contexto que a envolverá, para que os resultados

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

sejam atingidos (PINSKY, 2011). A maior meta é transpor a barreira didática do saber teórico, para a prática reflexiva. Muitas vezes, o que dá coerência à prática é fruto de escolhas coletivas, que vêm predeterminadas ao professor, cabendo a ele inteirar-se da lógica, complexa e diversa do outro. Assim poderá construir uma lógica coletiva, de maneira complementar. Cada posicionamento individual, sobre as teorias e práticas, não precisa ser de divergência e sim convergente. A educação é uma construção coletiva. Choques de posições são normais, devem servir para reflexão e crescimento.

Outro desafio didático, muito bem lembrado por Almeida (2011), é a necessária intervenção no código de linguagem, próprio de cada sociedade, subdividido nos grupos que a compõe e que, no caso, a intervenção, seria no código do aluno, para formar um novo código. O respeito ao já usado pelo aluno e o distanciamento deste para o acadêmico, pode gerar uma barreira intransponível se não houver habilidade e bom senso por parte do educador. Como o professor vai mediar, dependerá muito da sua postura. Conhecer suas ferramentas profissionais é uma busca individual; os gestores e as leis podem exigir um mínimo, mas o melhor cabe a cada um buscar, já que os resultados determinam mais do que uma posição no mercado e lapidarão o novo cidadão.

2 Conteúdo x objetivo

Cortella (2011) afirma que a construção do conhecimento (social e histórico) é cultural e a escola (veículo de transmissão desse conhecimento) tem comprometimento, tanto conservador, como deve ser inovadora, fundamentando e subsidiando os educadores à reflexão, na forma de transmutar o conhecimento científico em linguagem e procedimentos acessíveis a todos, o que vem sendo apontado como problema na docência das disciplinas.

As manifestações culturais, pertinentes a cada grupo social, acabam por gerar ações humanas, visualizadas no cotidiano de trabalho. Aproximar-se desse cotidiano não é tarefa fácil, não apenas para o docente de história, que deve usar as fontes, dentro das diretrizes e metodologia educacionais, mas para os professores de todas as

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

disciplinas. Na relação conteúdo x objetivo, conjugar as muitas variantes, da preparação à mediação do conteúdo, exige, muitas vezes, um tempo e conhecimentos que o docente não dispõe.

Carvalho (1987) também menciona que a educação, com relação aos métodos didáticos e pedagógicos, deve ser abordada com o devido equilíbrio. Todas as intervenções devem ser bem-planejadas, procurando minimizar os impactos, pois as constantes mudanças, alterações e adequações na estrutura e política educacional demonstram um eterno momento crítico e, como todo momento de ruptura, seguido de uma superação dispendiosa, se não for bem-planejada. Carvalho (op. cit.) exalta as inovações; que podem ser agregadas para redirecionar o (novo) foco, de forma que sua abrangência vá além do conteúdo e seja formador de atitudes.

O professor Dermeval Saviani (2008) demonstra sua preocupação e contribuição com relação ao ofício de educar, profundando-se em vários eixos, que extrapolam a metodologia e a didática. Na tentativa de elucidar o caminho e as escolhas dos docentes, alerta sempre da necessidade de reflexão no trato com as fontes, seja qual for a disciplina. Das academias, mais do que profissionais e suas ferramentas, há o avivamento, a renovação, a reflexão. Novos rumos começam a ser traçados, demonstrando que os objetivos podem ser alcançados. Das ciências exatas e físicas surge um novo olhar e novos conteúdos para a educação: a neurociência, a neuroeducação e a neuropedagogia (PIAZZI, 2013). Realidades para poucos e em escolas particulares.

3 O professor como profissional

Com um duplo papel, o professor tanto é quem instrui, como esperam que ele consiga educar; um parecer que complementa essa visão educacional, na polêmica posição de atuação do docente, é a do professor Piazzzi (2013). Ele critica o docente como figura de educação (educador, ou quem educa); ressalta que seu papel é de instruir, o que define ser linguisticamente diferente, mas que a escola, na pessoa do

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

professor, acaba assumindo o papel da família, que junto com o aluno não assume sua cota de responsabilidade no processo de aprendizagem. Adepto da neuropedagogia, termo que ele denomina ser o criador, distingue o papel do professor que instrui, cabendo ao educando o papel de estudante, que ele diferencia de aluno: um é ativo, o outro passivo. O estudante complementa de forma manual (escrevendo) e solitária o seu estudo, em ciclos de 24 horas, cabendo aos pais supervisionar esse estudo.

O professor, no cumprimento de sua função, deve pensar no que oferecer ao aluno, não enquanto objetos culturais aleatórios, mas frutos de uma discussão e acordos políticos, entre educadores, sociedade, entidades públicas e privadas, demandando muitos ajustes até uma versão final. Cabe, a partir daí, ao professor, seguir as direções, que começam com a Constituição Federal (BRASIL, 1988) e a Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), passando pela escola que, com tutela, responsabilidade e relativa autonomia, repassa os parâmetros e referenciais dos conhecimentos ao educador. Assim, resta ao professor abordar, de forma estruturada, viabilidade das fontes culturais, já inseridas nos conteúdos tradicionais, mas buscando alcançar também os temas transversais, cujo maior desafio é o vínculo desses conhecimentos com o dia a dia do educando.

Vários caminhos começam a ser desenhados e discutidos. A eficácia que levará à formação de um educando articulado e reflexivo sobre o contexto que lhe é apresentado, envolvendo a compreensão de sua atuação cotidiana utilizando o conhecimento, serão resultados diretos da escolha do método e o complemento do conteúdo, feitos pelo professor.

O professor sempre tem passado por várias situações e cobranças, atendendo ou não às mais diversas expectativas. O sucesso ou não da aquisição de conhecimento pelos educandos oscila entre o desempenho satisfatório de suas competências e do respaldo estrutural que recebe (físico e financeiro). Mas, os desempenhos aquém do esperado recaem, normalmente, sobre os ombros do docente, mesmo sendo produto de toda a máquina (social), estrutura educacional e o professor ser uma peça, no todo.

O professor segue sua trajetória segundo perspectivas de motivação. Como só há dois tipos de motivação (materiais e não materiais), combinadas podem demonstrar

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

alguns tipos de perfil profissional:

Demissionário: tem motivações tanto materiais como não-materiais bastante baixas;

Missionário: tem motivações não-materiais altas e ambições materiais baixas;

Mercenário: tem baixo nível de motivações não-materiais e alto nível de motivação material;

Profissional: tem alto nível de motivações não-materiais e também alto nível de motivações materiais. (COSTA; CASCINO; SAVIANI, 2000, p. 16)

A motivação e os valores são elementos necessários e inerentes à pessoa do docente. A cultura nada mais é que produção humana, como repete exaustivamente Cortella (2011), e os valores individuais, sejam inspirados ou não pelo inconsciente coletivo, determinam e impulsionam as atitudes, assim como fomentam os valores coletivos. Invariavelmente, um profissional pratica e vive, segundo seus valores. Eles podem ser estimulados positivamente, tanto nos professores, como estes nos alunos.

4 Ferramentas de trabalho

Os processos educacionais sempre estiveram no encalço do desenvolvimento. As ciências, em especial as exatas e naturais, saem com boa dianteira, usufruindo tecnologias. Como ciência, a História, base secular para o ensino da disciplina História, pode, através de seus operadores (professores/professoras), romper a barreira entre as fontes históricas (arqueológicas, documentais, impressas, orais, biográficas e audiovisuais), como objeto exclusivo do conhecimento científico?

Com os educadores trabalhando com as ferramentas didáticas e pedagógicas adequadas e com fontes que sejam compreensíveis, dentro de um projeto educacional, e que estejam envolvidas em um contexto, incluídas em um cotidiano, é possível que sejam compreensíveis e valorizadas pelos alunos, que se voltam a conhecer as ferramentas que podem auxiliá-lo a construir princípios e valores.

Toda a estrutura legal educacional é oriunda das políticas educacionais e nem sempre resulta da vontade social. O que os pesquisadores buscam está direta ou indiretamente ligado às determinações de linhas políticas, socioculturais. Como as instituições de ensino superior vão formar seus acadêmicos, o que esses aprendem e

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

como abordam seus alunos são coisas interligadas. O governo sempre mantém uma mediação, um controle, através do incentivo financeiro na pesquisa daquilo que lhe é interessante. Assim também ocorre com as empresas e instituições.

A mera mediação, feita pelo professor, do conteúdo ao qual ele teve acesso e, segundo a sua leitura, sua interpretação pessoal frente à política educacional, tem demonstrado não ser, por si só, suficiente para formar cidadãos. Para isso, os conteúdos têm que ter um significado, um valor. Mas estes dois itens são subjetivos e, muitas vezes, a capacitação teórica que o professor teve para lecionar foi fraca e se mostrou ineficiente. Além disso, o docente tem de costurar o emaranhado de leis, diretrizes e parâmetros, provido apenas de uma capacitação que precisava ter e que, muitas vezes, não ocorre.

A primeira ideia é a de que o professor está engessado, o que não é verdade. Dentro da sala de aula ele tem relativa autonomia, garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (BRASIL, 1996), que no artigo 13º, nos seis incisos que abordam suas incumbências, determina, entre outros pontos, que o professor deve zelar pela aprendizagem dos alunos e criar estratégias para recuperá-los. Ainda há alguns educadores que desconhecem as possibilidades e combinação de ações que podem fazer, no processo educacional, para atingirem metas concretas, de maneira ampla.

Zabala e Arnau (2010) abordam o que veio a ser a resposta à limitação do ensino tradicional; no meio educacional, os avanços nas metodologias foram associados às competências, ou seja, o profissional deveria demonstrar uma aptidão para enfrentar, de modo eficaz, uma família de situações análogas, mobilizando na consciência, de maneira cada vez mais rápida, pertinente e criativa, múltiplos recursos cognitivos, capacidades e/ou habilidades, tanto em realizar tarefas, como em atuar frente a situações diversas, de forma eficaz, em determinado contexto, mobilizando conhecimentos de forma inter-relacionada.

5 Avaliar e reavaliar

O ensino está continuamente adequando-se a padrões; o professor não escapa

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

desse círculo, que o influencia de fora para dentro. A força com que os conceitos interferem internamente é enorme, mobilizando toda a estrutura educacional, atendendo a uma grande parcela de demanda externa. No bojo das mudanças e adequações, nem sempre ocorrem reflexões suficientes que envolvam os agentes dos sistemas educacionais quanto à avaliação adequada.

No Brasil, há certa imposição na estruturação de currículos e grades das instituições de ensino (da educação infantil ao ensino superior), as quais são elaboradas sem consulta aos envolvidos (docentes, alunos e comunidade), bem como sobre os sistema de avaliação. No entanto, seria mais adequado que esses modelos estivessem mais próximos da realidade dos educandos.

Considerações finais

Assim como o educador executa seu ofício seguindo as diretrizes que lhe são dadas, há uma busca pelo melhor e mais eficiente diálogo, não só com o educando, mas com a sociedade. É possível ao educador alcançar essa plenitude no plano da realidade se pautando em pesquisas, em experiências já realizadas, conhecendo os vários caminhos que podem levar o aluno a novos conceitos e práticas.

O conhecimento científico não deixa de ser a base e com os conteúdos vem a possibilidade de acrescentar quais valores sociais e individuais poderão ser abordados com os alunos, agregando-lhes valores e identidade, após a avaliação do educador em qual contexto socioeducacional o educando se encontra, e qual metodologia vai ao encontro dessa realidade. A postura e os valores do professor não passam despercebidos pelos alunos e pelo sistema educacional-social, em qual atua. Também devem ser consideradas as ações influenciadas pelos fatores psicológicos do educador, dos alunos e dos demais colaboradores, que precisam ser administrados por ele.

Por fim, a prática docente que tem maior abordagem é o trabalho por projetos, por ser a resposta mais inclusiva, transversal, interdisciplinar, contextualizada, humanista e integralizadora. Com isso, se espera conteúdos selecionados de maneira democrática. O conhecimento aparece para os alunos como algo de mão dupla, conversa

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

com a sua realidade, aborda o passado e ajudar a melhorar o futuro, tendo também eles, a responsabilidade compartilhada com o professor pelo resultado: adquirir conhecimentos sólidos e úteis.

Referências

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Transposição didática**. Por onde começar? São Paulo: Cortez, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Casa Civil, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

CARVALHO, Irene Mello. **O processo didático**. São Paulo: FGV, 1987.

CORTELLA, Mário Sergio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 2011.

COSTA, Célio Juvenal; MELO, José Joaquim Pereira; FABIANO, Luiz Hermenegildo. **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados: EdUFGD, 2010.

COSTA, Antônio Carlos da; CASCINO, Pasquale; SAVIANI, Dermeval. **Educador**: novo milênio, novo perfil? São Paulo: Paulus, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MOSCOVICI, S. **Psicologia Social I**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1984.

PIAZZI, Pierluigi. **Neuropedagogia**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.neuropedagogia.org/index.html>>. Acesso em: 08 nov. 2013.

REVISTA ACADÊMICA DA FACULDADE FERNÃO DIAS

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. **Revista Histedbr on-line**, Campinas, número especial, p. 28-35, ago. 2006.

ZABALA, Antonio; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Recebido em: 30/01/2018

Aceito em: 10/03/2018